

## A CONFIANÇA EM SI

«*Ne te quaesiveris extra.*»<sup>1</sup>

*«O homem é a sua própria estrela; e a alma,  
Que pode torná-lo honesto e perfeito,  
Comanda toda a luz, toda a influência, todo o destino;  
Nada lhe acontece cedo ou tarde demais.  
Os nossos actos são os nossos anjos, bons ou maus,  
Sombras do destino, caminhando ao nosso lado.»*

*(Epílogo a Honest Man's Fortune de Beaumont e Fletcher)*

*Lançai a criança aos rochedos,  
Aleitai-a com a teta da loba;  
Deixai-a invernar com a raposa e o falcão,  
Deixai que os seus pés e as suas mãos  
Se tornem velocidade e poder.*

Ultimamente, li versos escritos por um pintor eminente, muito originais e nada convencionais. Nesse tipo de texto, qualquer que seja o tema abordado, a alma ouve sempre uma espécie de advertência. O sentimento que inspiram é mais valioso do que qualquer pensamento

<sup>1</sup> «Não procure coisas fora de ti próprio.» (N. T.)

que possam conter. Acreditar no vosso próprio pensamento, crer que aquilo que é verdadeiro para vós, no fundo do coração, também o é para todos os homens — tal é a marca do génio. Expressai a vossa convicção profunda e o seu sentido tornar-se-á universal, pois, quando chegar o momento, o que é mais recôndito torna-se o mais divulgado — e o nosso primeiro pensamento é-nos devolvido pelas trombetas do Juízo Final. Sendo a voz do espírito familiar a cada um de nós, o maior mérito que imputamos a Moisés, Platão e Milton é o de não se terem importado com livros e tradições e de terem falado sobre o que eles próprios pensavam e não dissertado sobre as reflexões dos outros. Um homem deveria aprender a detectar e a observar mais a luz que atravessa interiormente a sua mente como um raio do que o brilho do firmamento de bardos e sábios. Todavia, o homem desdenha-o, não lhe presta atenção, por esse pensamento vir de si mesmo. Em toda a obra genial reconhecemos os nossos próprios pensamentos, que rejeitámos; eles voltam ao nosso encontro com uma certa majestade alienada, devido ao seu carácter alheio. As grandes obras de arte não nos oferecem lição mais válida do que esta; ensinam-nos a obedecer à nossa espontaneidade com uma inflexibilidade bem humorada, tanto mais quando todo o coro das opiniões está no outro campo. Se assim não for, um dia um estranho enunciará, com um bom senso magistral, precisamente o que sempre pensámos e sentimos, e, envergonhados, seremos obrigados a admitir da parte de outra pessoa o que era a nossa própria opinião.

Na educação de qualquer homem chega um momento em que ele adquire a convicção de que a inveja é ignorância e a imitação suicídio; em que tem de aprender a aceitar o que é, tanto no melhor como no pior, a parte que lhe coube; em que, apesar de o bem abundar no universo, compreenderá que não deverá contar com nenhum grão de trigo que não seja fruto do labor dedicado ao pedaço de terra que lhe foi dado para cultivar. O poder que reside nele é novo na natureza e ninguém, excepto ele próprio, sabe o que poderá fazer com ele e, mesmo assim, só depois de o experimentar. Não é por acaso que um certo rosto, uma certa personalidade ou um certo acontecimento lhe causam forte impressão, enquanto outros o deixam indiferente. O que fica esculpido na memória não existe sem harmonia pré-estabelecida. O olhar caiu onde devia incidir um raio de luz, para que pudesse ser testemunha da sua presença. Expressamo-nos apenas parcialmente e

envergonhamo-nos dessa ideia divina que cada um de nós representa. Podemos dizer, de modo seguro e confiante, que ela foi repartida de modo correcto e equitativo no espírito do bem, a fim de ser fielmente transmitida, mas Deus não deseja que sejam os cobardes a testemunhar a sua obra. O homem sente-se alegre e satisfeito quando pôs todo o coração na obra, quando deu o melhor de si, mas o que disse e fez de outra maneira não lhe trará paz. É um salvamento que não salva. Ao agir assim, o seu génio abandona-o, não há musa que lhe sorria, nem invenção, nem esperança.

Confia em ti: cada coração vibra nessa corda de ferro. Aceitai o lugar que a divina providência encontrou para vós, a sociedade dos vossos contemporâneos, o encadeamento dos factos. Os grandes homens sempre procederam assim e confiaram, como crianças, no génio da sua época; desse modo, revelaram que o que lhes parecia inteiramente digno de confiança residia no seu coração, manifestava-se pelas suas mãos e predominava em todo o seu ser. E os homens que agora nos tornámos devem aceitar com elevação o mesmo destino transcendente. Não sejamos seres fracos e enfermos, num canto protegido, cobardes fugindo de uma revolução, mas guias, redentores e benfeitores, obedecendo ao esforço do Todo-Poderoso, caminhando pelo Caos e pelas Trevas.

Que belos oráculos nos fornece a natureza sobre este tema, tanto no rosto como no comportamento das crianças, dos recém-nascidos e até das feras! Eles não têm esse espírito dividido e rebelde, essa desconfiança em relação a um sentimento, por a nossa aritmética ter calculado a força e os meios que se opõem ao nosso propósito: de espírito ainda intacto, o seu olhar não foi vencido e sentimo-nos desconcertados quando fixamos o seu rosto. A pequena infância não se conforma com ninguém, todos se conformam com ela; assim, uma única criança está habitualmente rodeada por quatro ou cinco adultos que conversam e brincam com ela. Deste modo, Deus concedeu também o encanto e o picante da infância à juventude, à adolescência e à maturidade, tornando-o invejável e gracioso, e as suas exigências não devem ser postas de lado, caso ela se afirme como tal. Não julgai que o ser jovem não tem força por não poder falar comigo ou convosco. Escutai! Na sala ao lado, a sua voz é suficientemente clara e insistente. Parece saber como falar aos seus contemporâneos. E então, de forma timorata ou audaciosa, saberá como nos tornar inúteis, a nós, os mais velhos.

O desprendimento dos jovens seguros de encontrar mesa posta e que manifestariam o desdém de um lorde se tivessem de proferir uma palavra ou fazer um gesto para obter as boas graças, tal deve ser a atitude sã da natureza humana. Um jovem está para um salão como uma plateia para uma sala de teatro; independente, sem responsabilidades, observa, num canto, tudo o que se passa à sua volta, as pessoas que entram e saem, julga e condena uns e outros no modo rápido e sumário da juventude, estimando-os bons, maus, interessantes, estúpidos, eloquentes ou aborrecidos. Nunca se incomoda com interesses ou consequências; profere um veredicto independente e autêntico. Sois vós que deveis cortejá-lo, ele não vos corteja. Porém, o homem maduro está como que encarcerado pela sua consciência. Logo que agiu ou falou com certo brio, é um ser comprometido, observado com simpatia ou com ódio por centenas de pessoas, cujos sentimentos terá então de levar em conta. Não há nenhuma Leto que lhe valha. Ah, se ele pudesse regressar à sua neutralidade inicial! O homem que puder evitar todos os compromissos e que, depois de ter observado, observar de novo com a mesma inocência imparcial, incorruptível, sem medo nem afecção, deverá ser sempre formidável. Poderia dar opiniões sobre todas as matérias que, sendo vistas não como privadas mas como necessárias, cairiam como setas nos ouvidos dos homens, enchendo-os de medo.

Estas são as vozes que ouvimos na solidão, mas que se tornam fracas e inaudíveis logo que entramos no mundo. Em toda a parte, a sociedade conspira contra a virilidade de cada um dos seus membros. É uma empresa de capital social cujos membros se põem de acordo para retirar liberdade e cultura àquele que come, a fim de melhor garantirem o pão quotidiano de cada um dos seus accionistas. A virtude mais estimada é o conformismo. A sociedade só sente aversão pela autoconfiança. Não gosta de realidades nem de criadores, mas de nomes e costumes.

Quem desejar ser um homem terá de ser um inconformista. Quem desejar colher louros imortais não deve ser impedido em nome da bondade, mas deverá indagar se isso é verdadeiramente bondade. Nada, em definitivo, é sagrado, a não ser a integridade da nossa própria mente. Absolveis-vos a vós próprios e receberéis os sufrágios do mundo. Lembro-me de uma resposta que a minha juventude me incitou a dar a um estimável conselheiro que tinha o hábito de me im-

portunar com as boas velhas doutrinas da Igreja. Quando lhe disse: «Que quer que faça da sacralidade das tradições, se vivo plenamente no interior de mim mesmo?», o meu amigo sugeriu-me: «E se esses impulsos vierem de um plano inferior e não superior?» Então respondi-lhe: «Não me parece, mas se eu for filho do Demónio, pois bem, viverei de acordo com ele.» Para mim, nenhuma lei pode ser sagrada, a não ser a lei da minha própria natureza. Bom e mau são designações facilmente transponíveis; bom é apenas o que concordar com a minha natureza, mau é apenas o que se lhe opuser. Confrontado com qualquer oposição, um homem deve comportar-se como se tudo, excepto ele próprio, fosse efémero e apenas ligado a um nome. Sinto vergonha quando penso na facilidade com que capitulamos perante insígnias e nomes, perante a importância das sociedades e das instituições mortas. Qualquer indivíduo decente e com boa capacidade de expressão me toca e me comove muito mais do que é justo. Animado por um impulso vital, deveria dar provas de integridade e falar a linguagem crua da verdade, em quaisquer circunstâncias. Se a malícia e a vaidade usam as vestimentas da filantropia, deverei aceitá-lo? Se um devoto fanático abraçar a causa generosa do Abolicionismo e vier ter comigo trazendo-me as últimas notícias da ilha de Barbados, porque não lhe direi: «Ama o teu filho; ama o teu lenhador; sê modesto e naturalmente bom e não envernizes a tua ambição dura e egoísta com essa ternura incrível por negros que vivem a milhares de quilómetros. O teu amor pelo que está longe não será um sinal de desprezo pelo que está perto?» Este acolhimento seria duro e desgracioso, mas a verdade é mais bela do que o amor fingido. A vossa bondade tem de ter uma certa acutilância — de outro modo, não será bondade. A doutrina do ódio deve ser apregoada como oposição à doutrina do amor, quando esta só choraminga e geme. Quando o meu génio me chama, esquivo-me do meu pai e da minha mãe, da minha mulher e do meu irmão. Nos lintéis da porta da minha casa, escreveria de bom grado: *Capricho*. Espero que seja pelo menos algo melhor do que o capricho, mas não podemos passar o dia inteiro em explicações. Não esperéis que eu explique os motivos por que procuro ou rejeito companhia. Também neste caso, não me vindes falar, como fez hoje um bravo homem, da minha obrigação de melhorar a condição de todos os pobres. Serão os *meus* pobres? Filantropo tolo, digo-te o seguinte: é de coração contrariado que dou um dólar, uma